

PEDAGOGIA DO INTERCÂMBIO: MOVIMENTOS NOS FINS DO IMPÉRIO¹

David Morales

Colectivo Zapatista and Stanford University

K. Wayne Yang

University of California, San Diego

TRADUZIDO POR

Valéria Araújo

1→ Tradução de "Pedagogy of Intercambio: Movements at the Ends of Empire," *Lapiz* 6 (2021): 95-113, disponível gratuitamente para download em www.lapes.org. Os números nas margens referem-se à paginação no original. La traducción de este artículo al español también está disponible para su descarga gratuita en www.lapes.org.

Nós somos estranhos em nossa própria terra da mesma forma que vocês são na sua. Quando o ganhador do Goldman Environmental Prize (Prêmio Goldman de Meio Ambiente), Alexis Massol González, recebeu em sua cidade natal Adjuntas, em Porto Rico, um grupo de *students of color*[†] (estudantes de cor) do ensino médio – oriundos da classe trabalhadora de San Diego, Califórnia – ele iniciou a conversa a partir da escuta. Ele perguntou a cada um dos jovens sobre as suas histórias. A semana que esses estudantes viajaram a Porto Rico, para aprender sobre os movimentos de resistência, coincidiu com a semana em que o Presidente Trump ordenou as operações de imigração na cidade natal deles. Alexis e outros membros da comunidade, na pequena cidade montanhosa no centro-oeste de Porto Rico, ouviam atentamente enquanto os estudantes falavam sobre o risco que seus pais corriam de serem deportados, apesar de viverem nos EUA por mais de 30 anos, e como os próprios estudantes enfrentavam um futuro incerto, com a expiração iminente do DACA.²

Durante o encontro, Alexis falou sobre o relacionamento colonial de Porto Rico com os Estados Unidos. No período em que os estudantes visitaram Porto Rico, a ilha ainda não havia se recuperado da devastação causada pelo furacão Maria, em 2017, e da subsequente desapropriação organizada pelo governo federal dos EUA. A deliberação lentidão do presidente Trump na ajuda humanitária privou a ilha colônia de abrigo básico, água e remédios, ao mesmo tempo em que aumentava a dependência dos porto-riquenhos ao continente e seu governo territorial. Alexis também citou *La Junta*, ou o Conselho de Controle Fiscal, indicado pelo Congresso dos EUA, que efetivamente anulou todas as autoridades locais, dificultando o desenvolvimento da democracia em Porto Rico. *Os porto-riquenhos vivem em um país que não é deles*, afirmou Alexis, *assim como todos vocês vivem em um*

† Nota da tradutora: O termo *person of color* (pessoa de cor) é utilizado principalmente nos Estados Unidos para descrever qualquer pessoa que não seja considerada branca; e enfatiza experiências comuns de racismo estrutural. O termo também é utilizado em categorias coletivas como *people of color* (pessoas de cor), *communities of color* (comunidade de cor), *students of color* (estudantes de cor), entre outras, que você encontrará no decorrer deste artigo.

2 → *Deferred Action for Childhood Arrivals*, ou DACA, era uma política do ex-presidente, Barack Obama, que permitia que algumas pessoas que haviam entrado nos EUA quando crianças tivessem acesso à escola e trabalho sem estarem sujeitas a deportação.

país que não é seu.

Quando penso na essência do *intercambio* – esse tipo específico de intercâmbio que debatemos neste artigo – penso nessa conversa específica entre Alexis e a delegação de estudantes que levei a Porto Rico, em junho de 2019. Penso no intercâmbio de lutas, sonhos e ideias através de geografias, que nos inspiram a pensar sobre a nossa interconectividade e na possibilidade de um mundo diferente. Alexis também relatou como sua comunidade conseguiu expulsar as companhias de mineração transnacionais das florestas montanhosas de Porto Rico, na década de 1980. Ele falou sobre os esforços conservacionistas de sua organização, a *Casa Pueblo*, e seu atual projeto de autodeterminação. Sua comunidade vivia em condições relativamente melhores que muitas comunidades da ilha, devido aos projetos autônomos da *Casa Pueblo*: geração de energia solar renovável, agricultura sustentável, uma cooperativa de café, entre outros. Apesar dos avanços significativos da *Casa Pueblo* em direção à autodeterminação, o restante da ilha continua a ser prejudicada por sua relação colonial com os EUA. Alex concluiu lembrando que vivemos o impacto de diferentes políticas, em diferentes lugares, mas que emanam da mesma sede de poder. Estamos conectados pelo mesmo agressor, apenas nos encontramos em diferentes extremos (*ends*) do império.

97

Os Zapatistas, um movimento que implementa seu próprio projeto de autonomia e autodeterminação no sul do México, descrevem o capitalismo como uma hidra de muitas cabeças. Eles fazem referência à Hidra de Lerna da mitologia grega e romana, um monstro serpentina aquático, que regeneraria duas novas cabeças para cada uma que fosse cortada.³ O capitalismo muda de cara continuamente e se reinventa em novos modos de exploração; ataca simultaneamente muitas comunidades em todo o mundo com suas muitas cabeças, que sofrem mutações e se regeneram; e cria armas especializadas para destruir cada um de nós de diferentes maneiras. A voracidade do capital – o estômago da Hidra – e a circulação de toxinas do centro para as extremidades – suas veias e linfa – são os sistemas complexos de extração neoliberal e de repressão direta. Estamos conectados por

3 → Sexta Comissão do EZLN, *Critical Thought in the Face of the Capitalist Hydra I* (Durham: Paperboat Press, 2016).

essa besta gigante. No entanto, também estamos conectados pelo objetivo de nos libertarmos de sua fome. Estamos conectados pelos fins do império, num segundo sentido. Buscamos o fim, ou a extinção, do império.

Entendemos uma pedagogia do intercâmbio como algo que existe dentro de trocas efêmeras através do tempo e espaço, entre pessoas, movimentos sociais ou sujeitos que se encontram nos fins do império. Para ser claro, intercâmbio não significa viagens de caridade ou “pausas alternativas”, em que os privilegiados oferecem seu conhecimento a pessoas que eles acreditam que precisam de sua ajuda. Intercâmbios também não significam viagens educacionais, onde os participantes atuam como receptores passivos de uma nova cultura. Intercâmbio é dialógico, como descreveu Paulo Freire.⁴ É o aprendizado que acontece no diálogo com o outro, um processo de troca mútua. Nesse processo, criamos e nos recriamos. Em uma ocasião, durante a minha participação em uma delegação de *people of color* (pessoas de cor) dos EUA nos territórios Zapatistas, lembro-me de estarmos reunidos com a *Junta de Buen Gobierno* – conselho de liderança do Caracol Morelia,⁵ uma das regiões autônomas Zapatistas – quando um dos delegados perguntou aos Zapatistas qual seria a melhor maneira de apoiar seu movimento. *A melhor maneira que vocês podem nos ajudar, eles responderam, é retornando à sua comunidade e organizando-se.* Intercâmbio requer um retorno ao próprio contexto e o trabalho de traduzir as lições aprendidas, durante o intercâmbio, para a própria comunidade.

Este texto nasceu de um *encuentro*⁶ chamado *Hacer Escuela*, em

- 4 → Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014).
- 5 → O nome atual do Caracol, ou região Zapatista autônoma, é *Torbellino de nuestras palabras*, mas a maioria chama de Morelia em referência ao seu nome anterior, quando os Caracoles eram chamados de *Aguascalientes*.
- 6 → Nós usamos Intencionalmente a palavra *encuentro* para romper com a ideia de “conferência”, onde certos indivíduos são posicionados como detentores do conhecimento. Os zapatistas usam *encuentro* para descrever encontros horizontais, onde indivíduos de diferentes origens se reúnem para trocar e compartilhar informações entre si. No prefácio de *Our Word is Our Weapon*, Juana Rodríguez escreve: “Onde não conseguimos encontrar o valor apropriado na escolha da palavra em inglês, como *meeting*, *gathering* ou *encounter* para a palavra *encuentro* - os elementos de surpresa, de familiaridade, do encontro das mentes, os componentes espirituais implícitos no espanhol simplesmente não foram encontrados em uma única palavra - usamos o espanhol”. (New York: Seven

Filadélfia, em 2019. Em muitos aspectos, *Hacer Escuela* foi um intercâmbio: nos reunimos, compartilhamos, aprendemos e retornamos às nossas lutas em nossos respectivos extremos do império. Esse encontro reuniu educadores ativistas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Brasil, organizadores de sindicatos de Professores Negros de Filadélfia, educadores de universidades e comunidades dos Estados Unidos e acadêmicos de estudos sobre negros, indígenas e latino-americanos. Nós, David e Wayne, apresentamos o Zapatismo urbano, partindo de nossas questões sobre como os ensinamentos zapatistas podem ser traduzidos para a nossa realidade em San Diego, na terra de Kumiai. Em San Diego, David é professor-organizador e Wayne é professor universitário. Embora geograficamente próximos, há uma grande distância entre os dois lugares onde “fazemos escola”. David atua há anos no Coletivo Zapatista em San Diego. Ele tem organizado intercâmbios entre organizadores comunitários e jovens, em cidades onde lecionou, e os movimentos de autodeterminação em Chiapas, Cuba e Porto Rico. Grande parte desse trabalho é baseado nos intercâmbios que David participou e liderou com seus alunos de comunidades urbanas em San Diego e San Francisco. Nós escrevemos algumas vezes como “eu” e outras vezes como “nós” para deixar clara as diferentes contribuições nessa escrita colaborativa.

99

Neste artigo, analisamos o *quem* e o *quê* da pedagogia do intercâmbio. Quem participa do intercâmbio? Que relações são separadas pelas cartografias imperiais? Discutimos a nossa compreensão sobre quem deve participar do intercâmbio, o que nos ajuda a planejar e a entender o seu propósito. O que levamos ao intercâmbio? O que trazemos do intercâmbio? O que compartilhamos? O que aprendemos? Essas questões nos fazem pensar sobre a tradução, ou o trabalho de pensar sobre como aplicar o que aprendemos, por meio do intercâmbio, na nossa comunidade. Ao longo deste artigo, faremos referência a exemplos de intercâmbio a partir das experiências de David, bem como sobre o que aprendemos com os Zapatistas. Essas são questões que nos perguntamos. Nós compartilhamos essas questões com

Stories Press, 2001), p. xxxi.

vocês, que provavelmente estão pensando sobre os próprios aprendizados nos diálogos com suas relações nos extremos do império.

QUEM PARTICIPA DO INTERCÂMBIO? NOS/OTRAS

Nós, *nos/otras*, somos os participantes do intercâmbio. Partimos da análise de Gloria Anzaldúa acerca do quanto é difícil o processo de construção de *nosotras* (“nós”).⁷ Segundo Anzaldúa, a construção *nos/otras* revela que dentro de cada “*nosotras*” (“nós”) existem dois grupos, o “*nos*” que possuímos e o “*otras*” que forma o outro, o distinto. Há sempre diferença, diversidade e alguma marginalização dentro dos movimentos sociais, e mesmo dentro do intercâmbio. Os Zapatistas frequentemente dizem: “Nós somos vocês”. Para eles, essa simples declaração reflete uma visão de mundo diferenciada. Eles reconhecem que não sofremos de forma idêntica, não podemos nos organizar de maneira homogênea e que carregamos diferentes sementes de libertação em nossos caminhos.

Marcos é gay em São Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, Chicano em San Ysidro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, índio Maia nas ruas de San Cristóbal, judeu na Alemanha, cigano na Polônia, Mohawk em Quebec, pacifista na Bósnia, mulher sozinha no metrô às 22 horas, camponês sem-terra, membro de gangue nas favelas, trabalhador desempregado, estudante infeliz e, é claro, Zapatista nas montanhas.⁸

100

O subcomandante Marcos não está falando de si mesmo, mas da diferença coletiva que recusa a dominação. Para os Zapatistas, não são as nossas semelhanças que nos unem, mas as nossas diferenças. É o nosso respeito pela diferença que nos ensina.

Para Anzaldúa, “*nos/otras*” também revela as separações que o

7 → Gloria Anzaldúa, *Light in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality* (Durham: Duke University Press, 2015).

8 → Subcomandante Marcos em Žiga Vodovnik (ed.), *Ya basta: Ten years of the Zapatista uprising* (Oakland: AK Press, 2004), p.16.

império e a colonização inventaram e impõem. Para essas lógicas, os participantes do intercâmbio não estavam destinados a visitar um ao outro, não estavam destinados a trocar boas-vindas, histórias, cerimônias e estratégias. As nossas relações são separadas pela colonização. Nós somos relações distantes que deveriam ser esquecidas nos fins do império.⁹ Somos destinados a cumprimentar um ao outro como inimigos, como alistados nos exércitos dos nossos colonizadores. Portanto, para Anzaldúa a barra do “nos/otras” é sobretudo uma ponte, uma regeneração de nossas relações. Os participantes do intercâmbio atravessam essas fronteiras militarizadas, sexualizadas e racializadas. Uma vez, fomos feitos estranhos, mas “Desta vez, nos cumprimentamos como parentes”.¹⁰

Dito isso, nem todos os que viajam são nos/otras. Não pretendemos ser exclusivos quando oferecemos diretrizes em relação aos participantes do intercâmbio. Mas também não pretendemos que o intercâmbio seja reduzido a férias, uma “pausa alternativa” ou uma missão voluntária que qualquer pessoa com recursos financeiros possa acessar. Como diz uma frase famosa de Ivan Illich a um grupo de universitários norte-americanos ansiosos para trabalhar como voluntários no México: “Venha para estudar. Mas não venha para ajudar”.¹¹ Precisamos questionar as nossas intenções antes de participar de um intercâmbio. As questões relacionadas à intenção não são simplesmente pessoais, nem tão pouco identitárias, são questões coletivas. Estamos aqui para fazer o quê? Quem está organizando nosso

101

9 → Nosso entendimento de nos/otras parte dos entendimentos feministas nativos de “*auto-reconhecimento*”. Ou seja, em vez de depender apenas de governos federais ou estados-nações para o reconhecimento das nações indígenas, os povos indígenas já se reconhecem como profundamente diversos e interconectados. Veja Leanne Betasamosake Simpson, “Indigenous resurgence and co-resistance,” *Critical Ethnic Studies* 2, no. 2 (2016): 19-34, e Angela Teresa Morrill, “Toward a Native Feminist Reading Methodology” (PhD dissertation, UC San Diego, 2016).

10 → Quando Fania Davis e Alayna Eagle Shield falavam sobre as complexidades entre as histórias Negras e Indígenas, citando como os *Black Buffalo Soldiers* eram recrutados para as Guerras Índias, Alayna Eagle Shield explicou que o momento atual é diferente, “desta vez, nos cumprimentamos como parentes.” Alayna Eagle Shield, Django Paris, Rae Paris, e Timothy San Pedro (eds.), *Education in Movement Spaces: Standing Rock to Chicago Freedom Square* (New York: Routledge, 2020), 1.

11 → Ivan Illich, “To Hell with Good Intentions”, declaração feita na *Conference on Inter-American Student Projects* in Cuernavaca, Mexico, em 1968. Extraída de http://www.swaraj.org/illich_hell.htm.

intercâmbio? Quem está nos convidando? Quem está nos dizendo para não ir?

Os participantes do intercâmbio são, frequentemente, os Outros nas sociedades de onde vêm, ou seja, “todas as minorias exploradas, marginalizadas e oprimidas resistindo e dizendo ‘Basta!’”¹² Às vezes, os participantes do intercâmbio são estudantes de ensino médio que estão começando a se desconectar da Matrix – a ilusão capitalista que todos parecem aceitar como realidade¹³ – e a pensar criticamente sobre a origem das condições em que estão inseridos. Às vezes, são mulheres Zapatistas indígenas das montanhas do sudeste do México, compartilhando sua autonomia em um encontro internacional de mulheres. Às vezes, eles são trabalhadores da universidade – uma falha subversiva no sistema. Às vezes, são inquilinos lutando contra a gentrificação de seu bairro ou camponeses lutando pelo direito às suas terras.

A revolta de 1994 do movimento Zapatista em Chiapas, México inspirou muitos simpatizantes em todo o mundo, com sua proposta de um movimento horizontal que vem de baixo, centrado nas maneiras indígenas de ser e perceber o mundo. Muitas pessoas privilegiadas se reuniram no estado mexicano de Chiapas com a intenção idealista de participar dessa neo-revolução, que foi ouvida em todo o mundo devido ao boom da Internet nos anos 90. Em agosto de 1997, aconteceu em Oventic – uma das regiões autônomas Zapatistas de Chiapas, no México – o “*Encuentro Cultural Chican@ Indígena Por La Humanidad Y Contra El Neoliberalismo*”. Esse foi um dos primeiros encontros a levar *people of color* (pessoas de cor) dos EUA aos territórios Zapatistas. Desse encontro, nasceu o coletivo *Estación Libre*, com o objetivo de “[apoiar] as lutas indígenas no México e as lutas das *communities of color* (comunidades de cor) nos Estados Unidos, através da facilitação de um intercâmbio frutífero de experiências entre essas lutas”.¹⁴ A *Estación Libre* foi uma das primeiras organizações a coordenar

102

12 → Marcos em *Ya basta!*, 16.

13 → Andy Wachowski, Larry Wachowski, Keanu Reeves, Laurence Fishburne, and Carrie-Anne Moss, *The Matrix* (Burbank: Warner Home Video, 1999).

14 → Missão da Estación Libre, de acordo com seu website: <http://www.angelfire.com/biz/BackToTheBlanket/Estacion.html>.

delegações de *people of color* nas comunidades Zapatistas, numa época em que a maioria da presença internacional e do trabalho de solidariedade era dominada por brancos. Anos mais tarde, outras organizações, como o coletivo *Arte en Rebeldía y Movimientos Autónomos* (ARMA), também levaram delegações de *people of color* a Chiapas, partindo do mesmo entendimento de que era fundamental que elas dialogassem e participassem do intercâmbio com os Zapatistas. Essas organizações viam as lutas dos zapatistas, no sudeste do México, como intrinsecamente ligadas às da *people of color* dos EUA.

O coletivo ARMA exigia que os delegados, além de serem *people of color* dos EUA, também estivessem engajados no trabalho de organização comunitária em seus respectivos contextos. Os participantes da primeira delegação do coletivo ARMA estavam envolvidos em trabalhos relacionados aos direitos dos imigrantes, anti-militarização, contra-recrutamento e na implementação de projetos autônomos em ambientes urbanos no sul da Califórnia, Arizona e Texas. A lógica por trás dessa decisão foi a de que o movimento Zapatista serviria de exemplo inspirador para iniciativas de organização existentes, mas também que esse intercâmbio poderia facilitar a construção de um movimento, ao reunir *people of color* ativistas de todo os EUA.

Os próprios zapatistas têm sido bastante intencionais sobre quem participa do intercâmbio que eles organizam em seus territórios. Os participantes das delegações coordenadas por organizações como a *Estación Libre* e o coletivo ARMA sempre foram avaliados e os intercâmbios só foram possíveis devido às relações existentes entre as lideranças Zapatistas e os coordenadores das delegações. Os Zapatistas têm sido bem estratégicos a respeito de quem participa dos encontros que eles organizam, convidando apenas aliados que aderem aos seus princípios e visão para o México e o mundo. Um exemplo chave de intercâmbio coordenado pelos Zapatistas é a *Escuelita Zapatista* – uma escola transitória hospedada e ministrada pelas comunidades Zapatistas em Chiapas. O objetivo da *Escuelita Zapatista* é compartilhar com seus aliados internacionais as lições que os Zapatistas aprenderam ao longo dos anos em seu projeto de autonomia. Em 2013,

103

milhares de convites foram enviados para essa rede internacional de apoiadores; somente aqueles convidados participaram de seu intercâmbio.

As estratégias utilizadas pela *Estación Libre*, ARMA e movimentos como os Zapatistas para decidir quem participa do intercâmbio têm vários propósitos. Por um lado, é uma medida de segurança – isso impede a infiltração do império nos movimentos –, e por outro, impede a participação de turistas ou espectadores que não estão envolvidos no desmantelamento dos sistemas de opressão.

A minha participação nas delegações do coletivo ARMA, *Escuelita Zapatista* e em outros intercâmbios nos fins do império tem inspirado meu trabalho com *students of color* da classe trabalhadora. Intercambio é a pedagogia mais transformadora que tenho utilizado com os estudantes em minha carreira como professor de escola pública. Conduzi a primeira delegação de estudantes enquanto ensinava Espanhol no ensino médio em San Francisco, Califórnia. Lembro o convite que fiz ao grupo de voluntários *Ángeles del Desierto*, que apresentaram em minha sala de aula o trabalho que realizam ao longo da fronteira EUA-México, a procura de migrantes perdidos nas áreas desérticas. Meus alunos, muitos deles imigrantes ou filhos de imigrantes, propuseram uma viagem à região da fronteira para contribuir com esse trabalho humanitário. A proposta deles não significava apenas uma resposta ao clima político xenofóbico do país, mas *uma maneira de honrar os sacrifícios que nossos pais migrantes fizeram por nós*, como disse um estudante. Nas semanas seguintes, um grupo de estudantes se reuniu e desenvolveu um plano de intercâmbio com as comunidades fronteiriças no sul da Califórnia. A ideia era aprender com indivíduos e organizações, como *Ángeles del Desierto*, e trazer o conhecimento para as suas comunidades em San Francisco. A realização dessa proposta ousada, apesar dos limites das escolas públicas e das nossas limitações financeiras, estabeleceu um precedente para um futuro intercâmbio. Meus alunos participaram em delegações que foram a Cuba e Porto Rico e até mesmo organizaram um intercâmbio onde receberam representantes de diferentes movimentos

sociais de todo o México.¹⁵

Na maioria dos casos, essas experiências representam a primeira vez que os estudantes deixam sua comunidade, embarcam em um avião, viajam através de cartografias e fronteiras imperiais. A organização das delegações está estruturada em três fases. A primeira fase envolve a preparação para o intercâmbio. Os alunos realizam um estudo aprofundado sobre os movimentos sociais com os quais dialogaremos e a história dos lugares para onde iremos. Durante essa fase, também trabalhamos na captação de recursos dentro de nossas comunidades, a fim de cobrir o custo total da delegação. Esse processo é particularmente importante porque promove um senso de responsabilidade para com as nossas comunidades; nós temos a responsabilidade de retornar com o conhecimento e a tradução das lições aprendidas no intercâmbio. A segunda fase é o próprio intercâmbio: os estudantes viajam e participam em um intercâmbio de histórias, lutas, reflexões e imaginações com indivíduos e movimentos sociais em diferentes regiões geográficas. A terceira fase é o retorno ao próprio contexto. É a tradução e aplicação das lições aprendidas no intercâmbio.

Os estudantes que participaram dessas trocas são alvos da Hidra de muitas cabeças. Eles são vítimas das políticas neoliberais adotadas nos países de origem de suas famílias e da legislação anti-imigração nos EUA. Em São Francisco, os estudantes são os mais afetados pelo rápido processo de gentrificação da cidade, onde os salários de seis dígitos são qualificados como baixa renda. Em San Diego, eles são perseguidos por recrutadores militares e vivem com o medo constante de que seus pais sejam deportados. Os estudantes que participam do intercâmbio não podem pagar a tradicional viagem sênior à Europa e tampouco têm interesse em participar em tal

15 → Em novembro de 2016, os alunos da June Jordan School for Equity hospedaram a Caravana Contra a Repressão (Caravan Against Repression) no México. A caravana era composta por representantes dos estudantes de Ayotzinapa, pais dos 43 estudantes desaparecidos de Ayotzinapa; a Coordenação Nacional de Trabalhadores da Educação (National Coordination of Education Workers) (CNTE); os Trabalhadores agrícolas de San Quintín; o grupo que Nossas filhas retornem para casa ("Nuestras Hijas de Regreso a Casa") da Ciudad Juarez, denunciando o feminicídio; as vítimas do ataque ao povo de Nochixtlan, Oaxaca; e Xochicuautla, uma comunidade Otomi que luta contra megaprojetos / apropriação de terras em comunidades Indígenas.

viagem. Em vez disso, buscam o fim do império, planejando maneiras de dismantelar as condições opressivas em suas comunidades.

Ao contrário da ideia capitalista de uma “terra plana”, na qual as pessoas privilegiadas podem viajar de forma mais rápida pelo mundo ou acessar virtualmente outras pessoas para realizar transações mais facilmente, os intercâmbios são criados por e para pessoas impossibilitadas ou não autorizadas a viajar. Pessoas sem lucros para negociar ou capacidade de consumo excessivo – pessoas conectando-se em desafio às separações geradas pelas cartografias imperiais. Em vez de reivindicar a proximidade total (novamente no modelo de terra plana), os intercâmbios reconhecem até a dificuldade de reencontros.

O QUE NÓS APRENDEMOS DO INTERCÂMBIO? TRADUÇÃO

Quando *nos/otras* (nós) falamos, escutamos e aprendemos, tradução é a nossa realidade. No caso do *Hacer Escuela*, os voluntários e os próprios participantes forneceram tradução entre Inglês, Português e Espanhol. Esses são os idiomas do colonizador, mas nós os falamos com sotaques decoloniais. Os sotaques são baseados no lugar. Da mesma forma, ouvimos a partir do nosso lugar. O espaço da tradução é aquele lugar intermediário, entre suas mãos e meus olhos, sua voz e meu ouvido, sua escrita e minha leitura. Nesse espaço de tradução do intercâmbio, mal interpretamos os dicionários do colonizador. Esquecemos as gramáticas que aprendemos nas escolas do colonizador. Também nos mal interpretamos, e isso é bom. Nosso entendimento é reformulado pela nossa localização, ou seja, do lugar de onde vemos o mundo.

Acreditamos que a tradução é uma pedagogia baseada no lugar. Como traduzimos as estratégias que aprendemos no intercâmbio para os nossos lugares? A tradução reconhece que nossos contextos são diferentes; que a Hidra utiliza diferentes faces e escolhe diferentes venenos; e que encontramos diferentes ferramentas para a resistência. Algumas estratégias aprendidas no intercâmbio são facilmente traduzidas, enquanto outras exigem muito mais esforço e imaginação. De fato, algumas estratégias são intraduzíveis. Nesta

parte do texto, descrevemos alguns de nossos lugares de tradução e algumas das perguntas que fizemos para ajudar nas traduções.

Nós também sabemos que o Zapatismo se apresenta de diferentes maneiras em cada contexto, até mesmo entre as distintas e diversas comunidades Zapatistas em Chiapas. Embora existam paralelos, os contextos são diferentes em outras partes do império. Na minha experiência, traduzir as lições dos Zapatistas que aprendemos com a *Escuelita* Zapatista, ARMA, *Estación Libre* – e muitos outros intercâmbios que eles hospedaram – talvez seja uma das partes mais difíceis dessa pedagogia.

Abaixo, compartilhamos algumas das perguntas que fazemos para nos ajudar com essas traduções. Oferecemos nossas perguntas não como técnicas absolutas que devem ser copiadas, mas para compartilhar como pensamos sobre a tradução como parte da pedagogia do intercâmbio.

Condições materiais:

- Quais são as condições materiais que os povos indígenas enfrentam em Chiapas?
- Como as condições materiais em seu(s) contexto (s) são diferentes?
- Considere: acesso à terra, direitos à terra indígena, direitos à soberania/autodeterminação/autonomia, educação, capacidade de organização

Nós fazemos essas perguntas para recusar metáforas. Em suas críticas ao capitalismo, Karl Marx usava “escravos” e “prostitutas” como metáforas para a classe trabalhadora. Segundo Roderick Ferguson, essas metáforas eliminam ainda mais a humanidade dos escravizados e das trabalhadoras do sexo, sugerindo que a liberdade dos trabalhadores é alcançada à distância desses Outros abaixo e a esquerda do capitalismo.¹⁶ Os escritos de Marx também excluem o “escravo” e a “prostituta” como agentes de mudança social. Contudo,

16 → Roderick A. Ferguson, *Aberrations in Black: Toward a Queer of Color Critique* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004).

sabemos de nossas próprias comunidades que alguns dos projetos de justiça mais transformadores estão sendo realizados pelos anteriormente escravizados, pelas profissionais do sexo criminalizadas. Ou talvez as metáforas de Marx façam parecer que “trabalhador”, “escravo” e “prostituta” sejam posições sociais equivalentes. Não vemos essa falsa equivalência como solidariedade. A falsa solidariedade ignora as diferenças reais dentro do *nos/otras*. Por outro lado, os Zapatistas nos incentivam a pensar em quem não está exatamente na mesma posição que nós. Eles dizem que devemos pensar na pessoa que *está abajo y a la izquierda* (abaixo e à esquerda).¹⁷ O método deles é interseccional – quem está “abaixo e à esquerda” de nós é definido pela classe, raça, sexo e gênero; e pode mudar dependendo do poder ou do contexto. Eles dizem que o coração está abaixo e à esquerda. Organize-se a partir dessa perspectiva.

Ao fazer perguntas sobre condições materiais, pedimos a nós mesmos para traduzir além dos símbolos e ideias atraentes dos Zapatistas. Na minha experiência, os estudantes com quem trabalho vêm de ambientes urbanos dos Estados Unidos. Esses são contextos do colonialismo de ocupação, em que muitos de nós não somos indígenas; e dependemos de proprietários para moradias, de municípios para a água e de agronegócios para alimentação. Pedimos a nós mesmos que pensemos sobre as terras indígenas, sobre a soberania indígena, sobre a nossa cumplicidade como participantes do império e do capitalismo. Ao perguntar, frequentemente nos encontramos no espaço do intraduzível. Em vez de nos sentirmos frustrados, começamos a ver nossos limites e a sonhar com novas possibilidades.

Questões comunitárias:

- Quais são as suas sociedades civis?
- Como é a (contra-)hegemonia?
- Como é um bom governo?

17 → Os Zapatistas explicam o conceito de “*abajo y a la izquierda*” em um comunicado intitulado “*Abajo a la izquierda*”, publicado em 28 Fevereiro de 2005. <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2005/02/28/abajo-a-la-izquierda/>.

Os Zapatistas brincam com o termo “sociedade civil”. Eles escreveram inúmeras mensagens espirituosas, às vezes chamadas de “telegramas urgentes”, para a “Sociedade Civil Nacional e Internacional”¹⁸ – mantendo deliberadamente ambíguo se estavam escrevendo para as pessoas no México, na Europa ou em outras nações indígenas. Nem sempre está claro se existe uma única sociedade civil ou muitas. De fato, os Zapatistas escreveram sobre quatro camadas diferentes da sociedade mexicana: Cobertura, Média, Baixa e Porão.¹⁹ É evidente que eles acreditam que todas as partes da sociedade têm um papel a desempenhar na luta pela libertação e que diferentes sociedades civis têm diferentes ferramentas e oportunidades. O artigo de Gustavo Esteva e Carlos Perez lança luz sobre essa questão.²⁰ Eles falam sobre as múltiplas camadas da sociedade civil – desde a comunidade que se organiza até as camadas mais amplas da sociedade – quase como círculos concêntricos e incluem a sociedade civil internacional. Os Zapatistas, de forma lúdica, se referem a camada internacional como “sociedade civil intergaláctica”. Talvez o intergaláctico seja o lugar onde acontece o intercâmbio.

Como organizadores, poderíamos nos beneficiamos ao pensar sobre nossas estratégias para influenciar cada camada da sociedade civil. Os estudantes voltaram do intercâmbio e organizaram fóruns públicos em suas comunidades para compartilhar as lições aprendidas. Eles têm feito isso em suas escolas e em espaços comunitários locais. Eles também se tornaram defensores das comunidades com as quais fizeram intercâmbio – o colonialismo em Porto Rico, por exemplo, é frequentemente negligenciado pelo currículo das escolas públicas e nas discussões em nossa comunidade. Os relatórios sobre Cuba tendem a ser altamente tendenciosos – há muito mistério em torno da ilha e do legado da Revolução Cubana. Os alunos ajudam a desmistificar essas comunidades internacionais em seus contextos. Isso é construção de movimento. São conexões pessoais através das barreiras imperiais, através dos fins do império. Eles estão transformando o

18 → EZLN, em *Ya Basta!*, 240.

19 → EZLN, em *Ya Basta!*, 55-61.

20 → Gustavo Esteva e Carlos Perez, “The meaning and scope of the struggle for autonomy,” *Latin American Perspectives* 28, no. 2 (2001): 120-148.

senso comum e influenciando suas sociedades civis. Eles estão construindo sua contra-hegemonia.

Contra-hegemonia é a nossa leitura de Antonio Gramsci, que escreve sobre como os poderosos passam a conduzir nossos próprios pensamentos através da cultura e das ideias. As sociedades dominantes chegam a um consenso sobre o que é possível e o que não é, geralmente sem ao menos sabermos que o processo de dar nosso consentimento está acontecendo. Gramsci chama de “hegemonia”, esse processo de dominação do “senso comum”. Contra-hegemonia é quando os movimentos sociais passam a influenciar as sociedades civis, divulgando as notícias sobre decolonização, libertação e sobre tudo que é possível. A contra-hegemonia transforma o senso comum.²¹

O conceito de “bom governo” em terras indígenas é uma das inspirações mais desafiadoras dos Zapatistas sobre a qual os migrantes e as *communities of color* dos Estados Unidos refletem. Após tentativas fracassadas de diálogo e traição por parte do governo mexicano, os Zapatistas mudaram sua estratégia. Ao invés de uma guerra aberta com os maus governos do México, criaram as suas próprias formas de autogovernança. Eles criaram “bons governos” ou *Juntas de Buen Gobierno* e determinaram que implementariam seu projeto segundo seus próprios termos. Não vivem segundo o governo mexicano, nem são regidos por ele. Eles não esperam que a solução venha do governo, nem aspiram tomar o poder do topo. Quando aplicamos isso ao nosso contexto, somos obrigados a olhar para dentro e para baixo; para nossa comunidade e ver o nosso ponto de partida.

Após regressarem, alguns estudantes afiliam-se a organizações políticas em sua comunidade e se tornam ativistas e defensores da mesma. Eles veem em outras partes do mundo as mesmas questões que enfrentam em suas comunidades. Em Porto Rico, os estudantes aprenderam sobre gentrificação em La Perla e relacionaram com a gentrificação que acontece na comunidade onde vivem. Às vezes, eles não obtêm respostas ou estratégias e sim mais perguntas. Às vezes, eles apenas reafirmam que não são os únicos a lidar com essas

109

21 → Antonio Gramsci, *Prison Notebooks: Volumes 1, 2 and 3*, ed. e trans. Joseph A. Buttigieg com Antonio Callari (New York: Columbia University Press, 2011).

questões – de que não estão sozinhos. Essas delegações de estudantes que coordenei são relativamente recentes e os impactos ainda serão sentidos. Sabemos que as sementes foram plantadas. Alguns estudantes foram para a faculdade, outros trabalhar. Sabemos que essa pedagogia do intercâmbio mudou as suas vidas e estamos animados para ver o resultado dessa experiência. Um aluno, ao chegar de Porto Rico, compartilhou: *Eu sei que isso mudou a minha vida. Eu sei que isso está na minha cabeça e sei que um dia, quando for a hora certa, a semente irá florescer.*

Questões institucionais:

- Qual é o seu sciborgue?
- Quais são seus poderes decolonizadores?
- Em que atividades seu sciborgue está trabalhando?

Essas últimas perguntas envolvem a ideia de que muitos de nós fazemos parte do mecanismo do capitalismo, do império, do colonialismo. Nós somos ciborgues. Se temos acesso a instituições, temos privilégios. Poderemos utilizar esses privilégios para reconfigurar essas máquinas, para transformar esses sistemas em ferramentas de decolonização. Nós somos o sistema, subversivo, ciborgues – portanto, o ‘s’ extra.²² Formulamos essas questões partindo do reconhecimento de que nos organizamos dentro de contradições. Não somos apenas submetidos a instituições coloniais, temos acesso a elas. Enfrentamos uma cabeça particular da Hidra porque também vivemos em seu ventre.

110

Então, como é o Zapatismo na terra de Kumiai? Em San Diego? Vivemos na Matrix, no ventre da besta, onde há muita tentação para mantermos o sistema neoliberal capitalista. A Hidra de muitas cabeças pode, às vezes, ser sedutora nesses tipos de geografias que colhem os benefícios da exploração de terras indígenas, lugares que não deveríamos ver ou estar. Talvez até nos beneficiemos do capitalismo e do neoliberalismo de maneira que ainda não conhecemos ou

22 → Para mais sobre essas idéias, veja la paperson *A Third University is Possible* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017).

entendemos. Não estamos tentando minimizar nenhuma dificuldade ou adversidade que as pessoas enfrentam aqui nos Estados Unidos, nem desconsiderando o quanto é difícil viver em nossos bairros e neste contexto. No entanto, às vezes temos acesso a recursos e luxos devido à imposição do neoliberalismo em todo o mundo: guerras por petróleo, acordos de livre comércio, nossos passaportes, acesso a todos os alimentos em todas as estações.

Entendemos que nosso contexto tem regulamentos e protocolos que estão prontos para nos identificar e eliminar, caso sejamos muito radicais. Nossos sonhos e imaginações decoloniais são assombrados por nossa participação em instituições que nos fazem sentir comprometidos e contraditórios. Alguns de nós trabalhamos em instituições inerentemente opressivas que defendem o império. Alguns de nós buscamos nos infiltrar e subverter essas instituições. Alguns lugares, no entanto, são tão profundos na barriga da besta que não podem ser subvertidos ou reconectados: políticos radicais acabam traindo suas comunidades, bons policiais se tornam cúmplices da brutalidade policial.

Uma vez que entendamos nosso contexto e as restrições que nos são impostas, podemos começar a imaginar como seria um Zapatismo de San Diego ou até mesmo um Zapatismo Universitário. Em San Diego, não podemos ignorar que vivemos perto da fronteira EUA-México, a fronteira mais movimentada do hemisfério ocidental que também perturba, desloca e divide a nação Kumiai pela metade. Vivemos em uma cidade que abriga todos os ramos militares; que é o centro de drones dos EUA; que é principalmente nacionalista e conservadora; e que está sendo rapidamente gentrificada.

Ao longo dos anos, o Coletivo Zapatista San Diego – o coletivo do qual faço parte – tem caído nas muitas armadilhas da Hidra. Às vezes, despertamos e nos damos conta de que estamos em um ciclo constante de reação e resposta às condições opressivas em nossa comunidade. Por exemplo, participamos de uma campanha mal sucedida para impedir a entrada do Walmart em nossa comunidade; organizamos marchas e comícios em resposta à política anti-imigração; denunciamos o desaparecimento forçado de 43 estudantes de

Ayotzinapa. Embora esse seja um trabalho valioso, não pode ser o único trabalho. O trabalho mais importante vem da decisão de não renunciar ao poder e isso acontece quando deixamos de acreditar que o poder está concentrado no topo. Um dos sete princípios Zapatistas é “trabalhar desde baixo e não tentar subir”. Os Zapatistas entendem que o poder está com aqueles que são oprimidos, e que esse é um poder criativo. Por esse motivo, o trabalho mais importante, a nosso ver, não é reagir, mas criar. Quanto aos Zapatistas, eles criam novas escolas, centros médicos, cooperativas e bons governos que vem de baixo, sem dependência de recursos estatais ou corporativos

O que vem depois? Como podemos começar a avançar em direção à autonomia: aprender novas habilidades, não depender de empresas como Walmart, reorganizar nossas cidades e bairros? Como podemos ganhar autonomia sobre a nossa educação, uma que prepare os alunos para um mundo que ainda não existe? Como nos tornamos internacionalistas e construímos com outros movimentos?

INTERCÂMBIOS PASSADO, PRESENTE E FUTURO

As pedagogias do intercâmbio sempre existiram nos lugares de luta e nos movimentos sociais. Nesse momento, enquanto escrevemos, os protetores de Mauna Kea, no Hawai'i, se defendem contra a invasão do Telescópio de Trinta Metros na montanha que é tanto terra quanto ancestral. Os professores de Kānaka Maoli criaram a Universidade Puuhonua o Puuhuluhulu no acampamento para ensinar a língua, a cultura e as visões de mundo Hawai'ian. Povos indígenas e não indígenas de todo o mundo passaram diferentes quantidades de tempo com os protetores em Mauna Kea – incluindo muitos povos indígenas Kumiai, bem como a diáspora Kānaka Maoli de San Diego, nas terras de Kumiai. Do outro lado do Pacífico, em San Diego, Kānaka Maoli compartilharam cerimônia com os portadores do conhecimento Kumiai, que haviam criado espaço em seu dia de ensinamentos e workshops sobre Mauna Kea. No acampamento de *Standing Rock*, em 2016–2017, os professores indígenas também criaram uma escola – Mní Wičhóni Nakíčžiŋ Owáyawa – os *Defenders of the Water School* (Defensores

112

da Escola da Água). Entre muitos outros que vieram apoiar *Standing Rock*, os professores-organizadores da *Chicago Freedom Square* vieram aprender, orar, proteger.²³ *Chicago Freedom Square* foi mais um acampamento no fim do império. Foi uma “ocupação de 41 dias e noites, acampamento de protesto e festa de bairro em oposição à *Homan Square*”. *Homan Square* é um Departamento da Polícia de Chicago, uma “‘prisão clandestina’ onde milhares de habitantes de Chicago foram detidos ilegalmente e torturados”.²⁴ Existem muitos outros exemplos na história: as muitas trocas diplomáticas do Partido dos Panteras Negras em todo o Terceiro Mundo, incluindo Argélia, China e Cuba; as cartas entre o intelectual negro W.E.B. Dubois e o influente líder Dalit B.R. Ambedkar. Intercâmbios são nossas viagens no tempo e no espaço, nossa telepatia e empatia que transgridem os cercos do império. São sinapses que informam o nosso sonho decolonial coletivo.

Intercâmbio é diferente de qualquer encontro dentro de uma comunidade de luta. Até mesmo encontros que atravessam as diferenças não são necessariamente intercâmbios. Para nós, intercâmbio é o encontro de primos de nossos outros lugares. Tem pedagogias específicas. Não é didático. Não há salas de aula, nem relações autoritárias de professor-aluno. Mimetismo é impossível. Nossos contextos diferem demais. As solidariedades também não são imediatas no tempo e no espaço. Os visitantes não ficam para ajudar. Os intercâmbios ampliam a definição de solidariedade. Compartilhamos nossas particularidades, mesmo que elas não se apliquem. A tradução é necessária. Organizamos intercâmbio com o que podemos compartilhar. Ficamos com os aprendizados trazidos pelos nossos hóspedes. Saímos do intercâmbio apenas com o que queremos levar e recusamos ou deixamos o resto. Lembramos a inspiração, esquecemos o dogma. Somos independentes um do outro. Estamos conectados.

Intercâmbio é uma pedagogia entre movimentos sociais. É muito mais do que o significado literal da palavra “*exchange*” em inglês, o que também pode significar uma transação. Intercâmbio requer

23 → Eagle Shield et al., *Education in Movement Spaces*.

24 → “Imagining a World,” The #LetusBreatheCollective, #LetusBreatheCollective, Acessado em 30 de Julho, 2020. <https://www.letusbreathecollective.com/freedomsquare>

transformação, não transação. Gostamos de como isso pode significar “inter-câmbio [*inter-change*]”, que além da partilha entre pessoas, sugere uma mudança interna do eu. Você provavelmente tem uma palavra em seu idioma que expresse melhor essa verdade.

“*Hacer escuela*” era um nome adequado para o que estávamos fazendo em Filadélfia. Foi um processo de problematização, especialmente quando compartilhamos as problemáticas da educação formal dos nossos diferentes lugares. Foi ativo no sentido de “criar” ou “fazer” escola e movimentos sociais. Foi um trabalho turvo. Nossas traduções eram turvas. Nossa política era turva. Uma pedagogia de intercâmbio é turva. Não é um trabalho puro ou limpo. É um trabalho relacional. A diferença é que esse é o nosso trabalho. Estávamos fazendo escola naquele espaço entre os fins do império. Saímos desse intercâmbio com novas estratégias para traduzir, novas perguntas para perguntar.

Caminamos perguntando, perguntamos enquanto caminhamos.■